

São Paulo, 27 de novembro de 2008.

I Seminário NEMES

O Mal Está Entre Nós?

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Sessão III: Modernidade, Mal e Condição Humana.

Darwinismo à Sombra da “Noite Coletiva e Cultural”

Hugo Marcelo Ribeiro Barbosa

E-mail: hugomarcelo.barbosa@gmail.com

Resumo: "A Torre de Babel" de Michael Oakeshott descreve o pragmatismo de uma sociedade que se legitima, e se estrutura, ao redor do desejo de chegar ao paraíso. O Homem moderno, apesar de comemorar sua liberdade pós-Adâmica, anseia a retomada do jardim do Édem. O maior obstáculo para a reconstrução do paraíso, pensado como um mundo perfeito sem dor ou sofrimento, são os limites impostos por uma ética transcendente, baseada na revelação de um Deus-amor. Inicia-se um processo lento e gradativo de desconstrução de "Deus", valendo-se da racionalidade humana. Estes são os pré-supostos da simbiose estabelecida entre o ateísmo, na sua reedição mais virulenta, "o novo ateísmo", e o Darwinismo, entendido não como teoria científica da biologia, mas como sistema epistêmico¹. Tento interpretar este fenômeno à luz do pensamento místico de Chiara Lubich, a "Noite Coletiva e Cultural".

¹ Com o termo sistema epistêmico entende-se processo social compreendido da perspectiva de sua tendência em ajudar ou dificultar a produção da verdade.

1 Introdução

O desenvolvimento da racionalidade foi o pressuposto para que o Homem dominasse a Terra. Seu córtex pré-frontal desenvolvido, herança de milhares de anos de evolução, permitiu a percepção não só do universo externo, imanente, mas de uma realidade que transcende a própria racionalidade que a intuiu. Esta *dimensão da realidade* foi denominada dentro das tradições monoteístas, de Deus.

Contudo, sua maior dádiva é também a sua maldição. A percepção da dor e sofrimento inerente à condição de criatura imersa em uma natureza hostil (imagine um leão devorando uma criança nas savanas africanas) constitui um fardo quase insuportável para a humanidade. O Homem é o único animal que tem consciência da sua própria finitude e sofre com isso. Estes são os pressupostos do surgimento das civilizações; sanar a dor e o sofrimento do Homem, incluindo a “religião”, estruturada para amenizar o peso da consciência da “morte”.

Contudo, na Europa do séc. XVIII uma nova visão de mundo surgia. O “Iluminismo” anunciava a redenção da humanidade através da *razão*, tendo como grande aliado a “ciência moderna”, uma forma de raciocínio verdadeiramente objetiva surgia. Ou seja, o método científico e a técnica substituiriam a metafísica e a teologia. A aplicação do pensamento científico, com conseqüente banimento de antigos dogmas, faria a sociedade progredir em conhecimento, prosperidade e harmonia, portanto, construiriam um mundo melhor.

Mas o sonho “iluminista” morreu, ou foi definitivamente assassinado, nos campos de batalha da 1ª Grande Guerra e o otimismo foi substituído pelo sentimento de intensa desilusão e cinismo no pós-guerra. A fé na ciência e no progresso foi abalada pelo desenvolvimento de armas que proporcionaram horror e destruição outrora inconcebíveis pela própria razão iluminista.

Neste contexto emerge a pós-modernidade, e já na segunda metade do séc. XX o privilégio epistêmico da ciência moderna é contestado. Thomas Kuhn, sociólogo da ciência, ratifica a subjetividade da ciência com o conceito de “Paradigma”, determinado

conjunto cultural, situação existencial, visão de mundo compartilhada por uma dada comunidade, que dá um *substrato de crença* na elaboração das teorias científicas (Testa, 2008). A ciência então seria mais uma instituição cultural disputando recursos limitados com as demais (Marcum, 2007). Portanto, a neutralidade da ciência é uma falácia, conseqüentemente a epistemologia pragmática, se analisada em profundidade, revela uma identidade entre “verdade” e “poder”. Reduzindo a busca pelo conhecimento à idéia de força de persuasão (Pondé, 2003).

Da mesma forma os valores éticos adquirem um caráter relativo, com a valorização da autonomia do indivíduo, sob a lógica utilitarista, fatalmente deságua numa busca individual por prazer, gozo e bem-estar; ao passo que se perde o interesse pelo próximo, pela própria sociedade, bem como pelos valores absolutos que transcendem o Homem e por Deus.

Apesar do descontentamento com a ciência. O Homem vê o alvorecer, com grande otimismo, da medicina moderna. Realmente, nenhuma área do conhecimento humano experimentou tamanho sucesso empiricamente observado. Na fronteira entre a vida e a morte, a humanidade tem encontrado amparo na medicina. Com o advento dos antibióticos, das vacinas, pela primeira vez na história, o homem pôde postergar a morte, efetivamente controlando seu destino.

A medicina encontrou no utilitarismo seu “nicho ecológico”. A indústria do “bem estar” cresce a cada dia, alimentada pela fantasia de saúde e juventude eternas, *no sense* pós-moderno, quase ingênuo, se não perigosa forma de bio-apostasia. O Homem é assolado por uma série de “contingências” e, apesar de celebrar sua liberdade pós-adâmica, quer a retomada do jardim do Édem, o paraíso perdido, seu por direito, e, para tal, têm como valioso instrumento as ciências da vida aplicadas².

O grande obstáculo para o desenvolvimento da biotecnologia são os limites impostos por uma ética transcendente, baseada na revelação de um Deus-amor, contrária a

² A compreensão da teleologia científica vai além do escopo deste ensaio, mas claramente a construção da ciência se dá em um contexto histórico que precisa ser levado em consideração para interpretação do “fazer científico”.

instrumentalização da vida. Inicia-se, portanto, um processo lento e gradativo de desconstrução de "Deus", bem como um novo entendimento do *ethos* do próprio Homem.

Compreensível que vários estudiosos busquem na biologia o seu argumento. As biomédicas gozam de inegável prestígio epistemológico. Várias correntes de pensamento que surgiram ao longo da história buscaram nas ciências biológicas sua fundamentação³. A simbiose estabelecida entre o ateísmo com o darwinismo se justifica pela harmonia existente entre os sistemas epistêmicos dessas duas doutrinas, a tal ponto que, para muitos, é incompatível o evolucionismo com uma visão teísta de mundo.

Neste contexto, a teoria formulada por Charles Darwin, mais do que uma “hipótese científica” criada para compreensão de um dado fenômeno da biologia, ou seja, a *evolução*, embora razoavelmente pouco agressiva em termos cosmológicos e ontológicos, constitui-se um dos grandes dogmas da modernidade, baluarte do novo ateísmo⁴, além de adquirir uma semântica diversa, originando a “epistemologia darwiniana”, novo paradigma da racionalidade.

Ora, o Homem moderno não habita mais as savanas africanas. O meio ambiente ao qual está inserido é sua “Cultura”. Neste ecossistema impera a *subjetividade*, uma violência epistemológica pandêmica, no qual as *crenças* que mais contribuirão à perpetuação da espécie serão preservadas, ao passo que aquelas pouco vantajosas, serão eliminadas, ou seja, sem a perspectiva de Deus, o que resta é apenas a possibilidade de sobrevivência.

³ Um exemplo, as experiências pseudo-científicas conduzidas por médicos que serviam ao regime nazista, desenhadas com o intuito de demonstrar a supremacia da raça ariana.

⁴ Por “novo ateísmo” entende-se um ativismo antiteísta encabeçado por intelectuais como Richard Dawkins, Daniel Dennett, Sam Harris e Christopher Hitchens, os quais afirmam que a religião é essencialmente má e que, hoje, constitui-se em obstáculo para o progresso da humanidade.

2 A noite coletiva e cultural

São João da Cruz, um dos grandes expoentes da poesia mística de todos os tempos, na sua obra “Noite Escura” descreve o caminho espiritual para chegar à perfeita união de amor com Deus. Na sua ascese, a alma experimenta o “influxo de Deus”, o qual a purifica de suas ignorâncias e imperfeições, tanto naturais como espirituais, para a união de amor com Ele. Mas por que esta luz divina é chamada “Noite escura”? Segundo o próprio autor “Por dois motivos esta divina Sabedoria é não somente noite e trevas para a alma, mas ainda pena e tormento. Primeiro, por causa da elevação da Sabedoria de Deus, que excede a capacidade da alma, e, portanto, lhe ficam sendo treva; segundo, devido à baixeza e impureza da alma, e por isto lhe é penosa e aflitiva”. Faz ainda a analogia de uma coruja que olha para o Sol, que fica cega diante de luz tão brilhante.

Este fenômeno místico foi vivido por vários santos da tradição cristã, ilustrado aqui por carta de Madre Teresa de Calcutá:

Na escuridão...

Senhor, meu Deus, quem sou eu para que Tu me abandones? Sou a criança do Teu amor – e que agora se tornou a mais odiada – aquela que jogaste fora como indesejada – como não amada. Eu chamo, agarro-me, quero – e não há Ninguém que responda – Ninguém a Quem possa agarrar-me – não, Ninguém. – Sozinha. A escuridão é tão escura. (...) A solidão do coração que quer amor é insuportável. – Onde está a minha fé? – mesmo lá no fundo, bem lá dentro, não há nada a não ser vazio e escuridão.

(...) Amor – a palavra – nada traz. – Dizem-me que Deus me ama – e – contudo – a realidade da escuridão e da frieza e do vazio é tão grande que nada toca a minha alma.

(...) Apesar de tudo – esta escuridão e este vazio não são tão dolorosos como a ânsia por Deus. – Temo que a contradição irá me desequilibrar. – O que estás Tu fazendo meu Deus a alguém tão pequeno?

(. . .) Se isto Te traz glória, se Tu obténs uma gota de alegria com isto – se as almas são levadas a Ti – se o meu sofrimento saciar a Tua Sede – aqui estou Senhor, com alegria aceito tudo até ao final da vida – e sorrirei à Tua Face Oculta – sempre (Kolodiejchuk, 2008).

Este verdadeiro martírio vivido por Madre Teresa foi interpretado por ela como o lado espiritual de sua obra de caridade. Como se compartilhasse do “sofrimento redentor” de Cristo, o elo misterioso que a unia ao próprio Jesus. Identificando a própria escuridão

com a dor que experimentavam todos aqueles a quem servia: os indesejados, rejeitados e principalmente os sem Fé em Deus. A partir desta compreensão, passou a amar a própria escuridão, vendo-a como parte integrante da sua vocação, ratificado na sua oração: “Deixa-me compartilhar contigo a Sua dor” (Kolodiejchuk, 2008).

Uma nova dimensão da “Noite Escura” foi delineada por Chiara Lubich. Italiana que em meio à destruição e violência dos bombardeios da 2ª Grande Guerra se questiona sobre o sentido da vida e o que realmente importa. A resposta, a redescoberta de Deus-amor, que é Trindade. A partir de então doa sua vida a Deus, fundando o movimento dos Focolares, guiado pela “espiritualidade da unidade”, a qual se apóia em dois conceitos principais, “Jesus Abandonado” e “Jesus em Meio”. Os quais são identificados nas expressões do movimento, seja na política, na economia, na cultura, na educação, na academia, na religião... Reflexo de sua espiritualidade prática e coletiva (Klautau, 2008).

Central para a compreensão de seu carisma, “Jesus Abandonado” é uma referência ao momento em que Jesus Cristo na cruz grita: «*Eloí, Eloí, lamá sabachthani?*», que quer dizer: Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonaste? (Mc 15,34).

Jesus, o filho de Deus que se fez Homem, integrante da Santíssima Trindade sofre ao perceber-se distante do Pai. Será possível imaginar um tormento maior, uma escuridão mais densa? Interroga João Paulo II (Paulo II, 2000). Na cruz Jesus despoja-se de sua divindade e se une ao sofrimento de toda criatura. Todo sofrimento da Humanidade, portanto, pode ser reconhecido em Jesus Abandonado. A face de Jesus Abandonado é vislumbrada em cada irmão que sofre; em cada dor física, moral ou espiritual, em cada desunidade experimentada pela humanidade. Também o Mal, enquanto cegueira do amor de Deus, é semblante de Jesus Abandonado (Klautau, 2008).

Segundo Chiara Lubich, Jesus Abandonado é o cerne da mensagem de Jesus, resume toda a angústia do Homem, podendo ser compreendido de várias formas, inclusive pode ser lido em chave “cultural”. E como se caracteriza a cultura contemporânea ocidental?

O filósofo francês André Glucksmann começa o seu livro intitulado “A terceira morte de Deus” (La Troisième Mort de Dieu) com a seguinte afirmação: “Deus está morrendo. Na Europa inclusive já morreu. . . A crise da cultural contemporânea é quase senso comum.

Embora sempre existiram ateus, pela primeira vez na história da humanidade estamos construindo uma civilização que Deus se faz desnecessário e por vezes incômodo, banido da esfera pública, confinado à esfera privada, fenômeno da “secularização”. E o que resta de uma cultura que não têm Deus no seu horizonte? O futuro se torna incerto e “somente quando o futuro é certo como realidade positiva, é que se torna vivível também o presente” (Bento XVI, 2008), logo, impera a “desesperança” e a “insegurança”. Por outro lado, a cultura secularizada se caracteriza pela dificuldade em reconhecer a “Verdade”, a respeito do qual discorreu o Papa Bento XVI, ainda cardeal Joseph Ratzinger: «Quantos ventos de doutrina conhecemos nestes últimos decênios: (...) do marxismo ao liberalismo, até à libertinagem, do coletivismo ao individualismo radical; do ateísmo a um vago misticismo religioso, do agnosticismo ao sincretismo e por aí adiante. (...) Enquanto o relativismo, isto é, deixar-se levar aqui e além por qualquer vento de doutrina, aparece como a única atitude à altura dos tempos hodiernos. Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que não reconhece nada como definitivo e que usa como critério último apenas o próprio «eu» e os seus apetites.»

João Paulo II (...) não hesitou em fazer um paralelo entre a “noite escura” de São João da Cruz e as trevas do nosso tempo, que, como uma espécie de “noite coletiva”, paira sobre a humanidade, sobretudo no Ocidente. Constatava, com preocupação, que os valores cristãos estão perdendo a sua incidência. Nos dias de hoje, o aumento das descobertas científicas e tecnológicas, velozes e sem limites, é tamanho que a ética já não consegue acompanhar o passo, abrindo assim uma fenda entre bom senso e sabedoria, entre cérebro e coração, como no caso da invenção da bomba atômica ou das manipulações genéticas, de modo que a humanidade corre o risco de perder o seu controle.”(Lubich, 2006)

Por isso, afirma a filósofa italiana Maria Zambrano: “estamos vivendo uma das noites mais escuras que jamais vimos” ou como diria o poeta Friedrich Hölderlin: “Ai de mim, perambula na noite e habita como que no inferno, sem o divino, a nossa geração”.

3 Darwinismo à sombra da “noite coletiva e cultural”

A dor e o sofrimento são inerentes à condição humana. Embora a busca por diminuir o sofrimento, amenizar as dores seja dever tanto de justiça, quanto de caridade; higienizar o sofrimento do mundo está fora das possibilidades do Homem (Bento XVI, 2008). Nisto reside a incoerência do pragmatismo utilitarista, no seu viés “iluminista”, ao acreditar que a ciência redime o Homem.

Se o relativismo suprime a noção da verdade absoluta, na sua leitura darwinista determina que dada *crença* será eliminada se não adaptativa para a espécie. Da mesma forma, alguns estudiosos caracterizam Deus como “contingência”, ou seja, não é mais *útil* para a humanidade e advogam pela sua exclusão da *cultura contemporânea*, por vezes confundindo o conceito de evolução com progresso.

Richard Dawkins, em seu livro “Deus um delírio”, descreve a evolução darwiniana, especificamente a seleção natural como “conscientizadora”, uma vez que “destrói a ilusão do *design* dentro do domínio da biologia, (...) nos incita a desconfiar de qualquer hipótese de *design* também na física e na cosmologia”(Dawkins, 2007). Ou seja, de certa forma elevou a teoria de Darwin a condição de “revelação”.

“SE DEUS não existe e a alma é mortal, tudo é permitido”. Não há dúvida que a genética e a biotecnologia oferecem novas potencialidades para o bem, mas abrem também possibilidades abissais de mal. Conforme discorreu Bento XVI: “Todos fomos testemunhas de como o progresso em mãos erradas possa tornar-se, e tornou-se realmente, um progresso terrível no mal. Se ao progresso técnico não corresponde um progresso na formação ética do homem, no crescimento do homem interior (cf. *Ef* 3,16; *2 Cor* 4,16), então aquele não é um progresso, mas uma ameaça para o homem e para o mundo” (Bento XVI, 2008).

A “Noite Escura” descreve as tribulações sofridas pelos santos como purificação de suas imperfeições, para maior união com Deus. De acordo com São João da Cruz, “(...) para ela [a alma] é muito boa sorte sofrer assim, pelos grandes bens que daí lhe hão de provir; porque Deus há de tirar das trevas profundos bens, e fazer jorrar luz das sombras da

morte, como diz Jó (Jó 12,22). E, como declara Davi, virá a ser sua luz tão grande como o foram as trevas (Sl 138,12)” (Cruz, 2008).

Da mesma forma, talvez a “Noite Coletiva e Cultural” seja uma forma de purificação da humanidade para maior unidade com Deus. Este paradoxo é incompreensível porque *a grande luz sobrenatural desta contemplação [noite escura] vence a força natural da inteligência, privando-a do seu exercício*, motivo pelo qual a teologia mística se refere a esta como “sabedoria secreta” (Cruz, 2008).

Com relação ao atravessamento da “Noite Escura”, São João da Cruz insiste na importância da paciência e perseverança. Virtudes alcançadas apenas com a Fé que é “substância da esperança”. Da mesma forma, Bento XVI orienta que o cristão não tenha medo diante do futuro, mas esperança e confiança na misericórdia de Deus (Álvarez, 2006).

Para Chiara Lubich, o atravessamento da “Noite Coletiva e Cultural” se dá seguindo o exemplo do próprio Jesus Cristo, que se abandona à vontade do Pai. Abraçando “Jesus Abandonado” encontra-se motivo e força não para evitar o mal, mas absorvê-lo, contribuindo tanto pessoal e coletivamente para repará-lo. Amando “Jesus Abandonado” poderá-se afirmar com o diácono São Lourenço: «A minha noite não conhece escuridão, mas todas as coisas resplandecem na luz» (Lubich, 2006).

Agradecimentos

A reflexão sobre as questões aqui discutidas foi amadurecida através de discussões com vários colegas, mas estou particularmente em débito com Diego Klautau e Fernando Testa.

4 Referências Bibliográficas

Álvarez, I. Bento XVI explica por que não precisamos temer futuro. Zenit 2006.

Bento XVI, P. SPE SALVI. 2008

Cruz, S. J. D. Noite Escura. Petrópolis: Vozes. 2008

Dawkins, R. Deus um delírio. 2007

Klautau, D. O Mal e a Ontologia Trinitária – uma visão de Jesus Abandonado e o Mal. X Simpósio da ABHR 2008.

Kolodiejchuk, P. B. Madre Teresa: Venha e seja a minha luz. 2008

Lubich, C. Chiara Lubich: «A nossa resposta à noite coletiva e cultural de hoje». Zenit 2006.

Marcum, J. A. Explorando as Fronteiras Racionais entre as Ciências Naturais e a Teologia Cristã. Revista de Estudos da Religião, v.março, p.34-58. 2007.

Paulo II, J. NOVO MILLENNIO INEUNTE 2000.

Pondé, L. F. Elementos para uma Teoria da Consciência Apofática. Revista de Estudos da Religião, v.4, p.74-92. 2003.

Testa, F. G. Fragmentação e reconciliação do real: considerações sobre razão tecnológica e ética. II Seminário de Ciência e Meio Ambiente. Faculdade Anchieta de São Bernardo do Campo - SP 2008.